

cípios e produz um alerta contra armadilhas conceituais, que ofuscam a difícil compreensão do conjunto de cidades e que dão lugar, perigosamente, a práticas, políticas e propostas universalistas. A argumentação da autora tem fortes implicações para futuros estudos, ampliando as opções por linhas de pesquisa e valorizando a reflexão sobre contextos diversos em diferentes países. Poderíamos dizer, tal qual Robinson, em “qualquer” país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLIFFORD, J. (1997) *Routes: Travel and Translation in the late Twentieth Century*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

ROBINSON, J. (2002) Global and world cities: a view from off the map. *International Journal of Regional Research*. 26:531-54.

QUESTÕES TERRITORIAIS NA AMÉRICA LATINA

Amalia Inés Geraiges de Lemos, María Laura Silveira, Mónica Arroyo (orgs.)

Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: USP, 2006

Rebeca Scherer

USP

Esta obra, oportuna e necessária, traz na abertura o texto inédito da conferência proferida pelo geógrafo Milton Santos em 1996 por ocasião do Congresso SOLAR, e reúne, em continuação, os trabalhos do X EGAL – Encontro de Geógrafos da América Latina, realizado em São Paulo em março de 2005. Inspirado na história vivida nas últimas décadas, o Encontro propõe que se caminhe “Do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade”. Desde o Prefácio, elaborado pelas compiladoras dos trabalhos e organizadoras do Encontro, Amalia Inés Geraiges de Lemos, María Laura Silveira e Mónica Arroyo, são explicitadas duas posições fundamentais para dar conta das responsabilidades de todos nós, geógrafos ou não: assumir nossa condição de produtores do saber, e fazê-lo sem recusar o olhar estrangeiro, porém, de forma intransigente a partir da perspectiva latino-americana, trazida pelo estudo

responsável e consciente de seu espaço, vale dizer, de sua sociedade.

“Por Uma Epistemologia Existencial” é o título da conferência de Milton Santos. Não cabe resenhá-la, apenas relatar que analisa diferentes modelos de interpretação que ao longo do século XX se construíram sobre a América Latina denunciando o enfoque economicista, que prevaleceu durante longo período e que resultou em versões reducionistas da realidade existente. Milton reafirma a necessidade fundamental da elaboração de uma epistemologia que inclua obrigatoriamente o espaço, na medida em que, “a sociedade é apenas o ser; o existir é coisa do espaço” e ainda “o tempo é produzido pelo lugar e por aqueles que nele estão” (p.25).

O texto de Milton Santos é seguido da conferência realizada pela geógrafa Amalia Inés Geraiges de Lemos, na sessão de abertura do EGAL: “América Latina: à Procura de Uma Geografia Mestiça”. Nela, a Professora reconstrói o caminho percorrido e o caminho que julga necessário percorrer na busca do que classifica, também ela, como uma geografia mestiça, pois mestiça, e via de regra, inadequadamente analisada, é nossa formação social.

Apoiada numa bibliografia consistente e imune ao “canto das sireias do poder” (Milton Santos, José de Souza Martins, Serge Gruzinski, Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos, Michel Serres, Nestor Canclini, Emlílio Tenti Fanfani, entre outros), percorre com brilho os conceitos fundamentais dessas contribuições e convoca os colegas para o pleno exercício de uma contemporaneidade militante.

O livro divide-se em três partes, a saber: Passado, Presente e Desafios Teóricos, seguida de Dinâmicas Territoriais Contemporâneas e, finalmente, Uma Geografia Para a Saúde. Contempla – sempre do ponto de vista da geografia, tomando como referência empírica a América Latina, e dentro de uma abordagem histórica e interdisciplinar – temas complexos como: a relação entre as finanças e a vulnerabilidade dos territórios; a formação de blocos de nações e as especificidades do Mercosul; os efeitos da globalização e do neoliberalismo sobre Sociedades e Estados; os determinantes e condições para a formação da consciência na América Latina; a produção social da saúde; a afirmação da territorialidade estatal; discursos e imaginários políticos na organização de nações; a ocupação da Amazônia; o in-

cremento da mobilidade dos cidadãos na presente etapa da globalização; a perda das identidades e a constituição de diferentes formas de identidades móveis. No intuito de refletir sobre o futuro da América Latina, os autores presentes analisam também a história das relações da América Latina com os centros hegemônicos da economia mundial e com os organismos supranacionais, as práticas profissionais da geografia latino-americana na contemporaneidade, os limites e possibilidades de novos pactos territoriais, a busca e as dificuldades de uma integração latino-americana progressista.

De todo modo, os trabalhos que compõem nesta publicação têm em comum a crítica à globalização e ao neoliberalismo no presente, a busca de uma epistemologia que contemple nossas especificidades, o fato de trabalhar incorporando a história como método e a interdisciplinaridade como requisitos para a reflexão. Acresce que o empenho em evidenciar com clareza a metodologia que dá suporte às reflexões apresentadas, o cuidado com a explicitação das variáveis e dos conceitos utilizados e também as oportunas avaliações das técnicas de pesquisa utilizadas e passíveis de ser-lhe, faz em suas contribuições aqui reunidas importante material para o ensino e a pesquisa em geografia e, de modo geral, nas ciências sociais aplicadas.

Na primeira seção, Antonio Carlos Robert Moraes trabalha com a afirmação da territorialidade estatal no Brasil. Insiste em alguns pressupostos metodológicos básicos, entre eles, o de recusar-se a óticas anacrônicas, não obstante trabalhar de modo retrospectivo. Enfatiza – o que nunca é demais repetir – que vai buscar e projetar no passado elementos passíveis de identificação apenas no presente.

Segue-se a contribuição de Perala Zusman, que, com base em relatos de viagem de Domingo Faustino Sarmiento (1847) e Carlos Pellegrini (1904), examina representações dos Estados Unidos que se viram de inspiração para os projetos de construção do território argentino. Evidencia como aqueles, ao se debruçarem sobre a realidade norte-americana, vivenciaram experiências diferentes e priorizaram setores de produção, portanto, territorialidades e alternativas de organização social diferentes: um, a partir do projeto agrícola norte-americano, e outro, a partir da industrialização nos EUA na virada do século XIX para o XX.

A contribuição de Ruy Moreira volta-se para as relações entre sociabilidade e espaço em diferentes mo-

mentos históricos para dar conta das formas de organização geográfica das sociedades contemporâneas. Apoiado nos trabalhos de Lukács e Sartre, retorna criticamente às colocações de Marx, preocupado como aqueles, com a maneira como no marxismo do século XIX comparecem a natureza e “seu modo de presença” na organização societária. Ruy Moreira reflete também sobre os “conflitos de territorialidades” e o papel de resistência que desempenham as culturas presentes em sociedades dos gêneros de vida, conforme descritas por La Blache, na construção de um meio técnico-científico “bioreferenciado”.

O denso e contundente texto de Maria Laura Silveira, “Por Uma Teoria do Espaço Latino-Americano”, vem em seguida. A autora procede à análise sistemática da globalização na América Latina. Retoma conceitos e processos que domina com extrínseca competência, e o faz desde as primeiras páginas evidenciando o papel assumido pela categoria trabalho e sua essencial articulação com a política que, apesar das possibilidades técnicas do presente e exatamente por isso, permite ou limita modos de produzir, de dividir o trabalho e de apropriar-se do lucro. Acolhendo a perspectiva do mestre Milton Santos com o qual pôde partilhar reflexões e publicações importantes, a autora aborda a caracterização do período contemporâneo a partir da produção social de três tendências: a unicidade da técnica e seu efeito na produção da consciência; a comunicação e as operações em tempo real; e a competitividade. Isso posto, fundamenta detalhadamente as condições que lhe permitem afirmar que a informação é “a verdadeira energia que imprime a ação contemporânea” (p.87). Lembra oportunamente o neologismo cunhado por Milton Santos (2000) para apontar a existência concomitante e sistêmica da tirania da informação e da tirania do dinheiro: “globalitarismo”. Reafirma sua crença no papel da geografia para a construção de uma sociedade digna e solidária, e conclui salientando que não vivemos numa sociedade decadente, mas em crise – e como diz muito bem, “crises passam”...

Segue-se o texto de Blanca Rebeca Ramirez, “Prácticas Profesionales y Desafíos de la Geografía Latinoamericana en los Años Del Siglo XXI”, em que aborda a forma como os geógrafos têm que se adequar em suas práticas às transformações trazidas pelo neoliberalismo e a globalização contemporânea.

Considerando que a realidade é um objeto de estudo complexo, entende que se impõe a criação de instrumental metodológico que nos permita analisá-la e, para tanto, propõe três estratégias: (i) passar da multidisciplinaridade para a transdisciplinaridade; (ii) trabalhar na conformação de uma identidade cultural geográfica; e (iii) aceitar o desafio metodológico de dialogar com a teoria para abordar os fenômenos complexos de forma integral.

Armen Mamigonian abre a segunda parte da obra com o texto: *Qual o Futuro da América Latina?* Nele, reflete sobre a história do continente a partir da análise política e econômica da América do Sul, abordando a história dos territórios e o conjunto de ideias que ao longo do tempo foram utilizadas para explicá-la. Percorrendo a história de diferentes nações (entre elas Chile, Argentina, Venezuela e México), se pergunta sobre o futuro da América Latina e em especial se o Brasil, ao lado da China, Índia e outros países, emergirá como potência no século XXI. Entende que o futuro da região depende da dinâmica de três conjunturas: (i) o que pode acontecer no interior de cada país; (ii) o processo de integração sul-americana; e (iii) a modalidade das relações internacionais estabelecidas, em especial com os EUA, a União Europeia e a China.

Roberto Gonzáles Sousa é responsável pelo texto “*Nuevos Pactos Territoriales en América Latina: Obstáculos y Posibilidades*”. Nele, analisa a responsabilidade dos organismos financeiros internacionais e dos países desenvolvidos no estabelecimento e reiteração da pobreza, da subordinação e das precárias condições de vida das populações da América Latina. Vê na constituição consciente e independente de novos pactos territoriais, alternativas para a superação daqueles impasses.

Pedro Pinchas Geiger comparece com o excelente “*Identidade Continental Americana*”. Primeiramente, historiciza a produção da nova dinâmica territorial que levou à formação, no presente, de blocos de Estados Nacionais que constituem os chamados “mercados comuns” e apresentam, embora com variações, dimensões continentais. Detém-se na abordagem das condições do Mercosul, analisando aspectos institucionais, mercado de trabalho, estrutura bancária, e a implantação no território da infraestrutura necessária. Avança no estudo analisando as perspectivas de integração americana a partir de considerações de ordem política

e econômica. Em continuidade, de forma complementar e bem articulada, analisa as relações entre dinâmica territorial e a identidade continental.

A questão da identidade comparada também no trabalho de Daniel H. Iernaux-Nicolas, “*Identidades Móveis e Mobilidade Sin Identidad?*”. Nele, o autor evidencia como se articulam hoje, sob o impacto das transformações globais, três componentes centrais de nossos sistemas de referência: a mobilidade, a identidade e as dinâmicas territoriais; esta última, dependente, em alguma medida, das duas primeiras. Aborda o tema das identidades mutantes, ou quiçá perdidas, analisando o turismo e a identidade efêmera do ócio e a transnacionalidade ou identidade complexa resultante da mobilidade no mercado de trabalho. Numa conclusão preliminar se pergunta se essas identidades-rede, sejam individuais ou coletivas, podem ainda ser consideradas como tal quando comparadas desligadas do apoio espaço-temporal, que foi o suporte medular de sua definição como identidade (p.173).

“*A vulnerabilidade dos territórios nacionais latino-americanos: o papel das finanças*”, de Mónica Arroyo, continua a série. A geógrafa evidencia como as transformações que a divisão internacional do trabalho trouxeram ao presente carregam consigo marcas da história progressiva das nações, em especial o modo como se constituiu a dinâmica territorial das finanças e da informação. Discute três características do mercado financeiro no presente: especulação, instabilidade e volatilidade, as quais, na medida em que o sistema é fortemente integrado em escala internacional, ampliam, a seu ver, a vulnerabilidade dos territórios nacionais. Analisa também alguns dos novos agentes financeiros privados e também o tipo diferenciado de competência técnica voltado para o manejo de um sofisticado conjunto de técnicas de avaliação de retorno e riscos para as aplicações financeiras. Concluindo, lembra que a maior vulnerabilidade é a que se atinge ao equipararmos os conceitos de mercado e território; a propósito, empresta a observação de Milton Santos que também retomou: “território e mercado se tornam conceitos xipófagos, em sua condição de conjuntos sistêmicos de pontos que constituem um campo de forças independentes” (p.189).

O setor financeiro é objeto também da análise de Álvaro López Gallero: “*Las Dificultades de la Estructuración de un Sector Financiero en el Camino de una*

Integración Latinoamericana Progresista”. Neste importante e ilustrativo texto, o autor expõe os três modelos de rede bancária existentes no Uruguai: os bancos internacionais, o Banco da República e a Banca Cooperativa Uruguaya, evidenciando como o território produz e recebe dinheiro, e o papel de mediador exercido pelo Estado Nacional neste processo.

Segue-se a contribuição de Delfina Trinca Figuera, que se debruça sobre a questão amazônica, sistematizando-a na reflexão apresentada no texto “Los Desafíos de la Globalización y La Ocupación de la Amazonia. Una Visión desde Venezuela”. Comenta que apesar de suas peculiaridades físico-naturais, a ocupação da Amazônia não ficou à margem das diferentes modernidades que estiveram presentes ao longo da história. Procedo a algumas considerações teórico-metodológicas para, em seguida, analisar a Amazônia brasileira, a ocupação de Roraima e a marcha para o Sul na Venezuela. Conclui com a afirmação da importância da ocupação efetiva das áreas de fronteira. A terceira parte do livro traz um conjunto importante de contribuições, entre as quais, assoma com destaque a de Luisa Iñiguez Rojas da Universidade de La Habana. Em “Salud y Bienestar Humano en la Geografía de América Latina”, a autora, a partir do conceito central de espaço geográfico, dirige-se para a compreensão da produção social dos problemas de saúde, percorrendo a história da elaboração dos conceitos sobre a geografia da saúde, reiterando a heterogeneidade entre nossos países, colocando com clareza questões de ordem metodológica, a questão das escalas geográficas, e avançando até a questão das técnicas de pesquisa.

Seguem-se três textos bastante oportunos e bem fundamentados. Em “Saúde pública na América Latina: questões de geografia política”, Raul Borges Guimarães insere a questão da saúde pública no contexto mais amplo de uso do território. Em “Geografía para la Salud: una transición”, Jorge Pickenhayn, a partir do universo empírico argentino, reivindica a construção de uma geografia para a saúde e não apenas da saúde. Finalmente, Helena Ribeiro, em seu texto “Patologias do Ambiente Urbano: Desafios Para a Geografia da Saúde”, a partir dos dados da cidade de São Paulo, aborda patologias do presente, associando-as à poluição e, de modo geral, à má qualidade do ambiente urbano contemporâneo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SANTOS, M. (2000) *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record.